

A LINGUAGEM DOS ESPÍRITAS SOB A PERSPECTIVA DO JARGÃO

André Gonçalves Ramos (UFSM)
<goncalvesramos.andre@gmail.com

RESUMO

Este trabalho aborda a linguagem peculiar utilizada pelos adeptos da doutrina espírita, analisando essa variedade linguística sob a perspectiva do jargão. Para tanto, após breve introdução, fazemos uma análise das funções presentes na linguagem espírita. Em seguida, a partir da análise de um glossário de palavras e expressões espíritas, tecemos algumas considerações sobre as características do vocabulário especial dos espíritas. Por último, apresentamos o glossário completo como apêndice.

Palavras-chave: Linguagem dos espíritas. Jargão. Léxico.

1. Introdução

O interesse pelas variações linguísticas e suas relações com a estrutura social foi fixado a partir de um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em 1964, o qual foi o berço de uma nova área da linguística, denominada sociolinguística (ALKIMIN, 2001). Na verdade, o que os participantes do congresso – Labov e Hymes entre outros – postularam foi um novo objeto para os estudos linguísticos – “a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social” (ALKMIM, 2001, p. 31). O ponto de partida é a comunidade linguística, que se caracteriza por se constituir de indivíduos que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras, as quais o estudo sociolinguístico pode selecionar e descrever (ALKIMIM, 2001).

A sociolinguística postula uma concepção de língua como sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis, cuja variação está em relação com as possibilidades estruturais da língua e com fatores sociais (LUCHESE, 2004). Em outras palavras, segundo Camacho

(2001), a sociolinguística toma os domínios, linguístico e social, como sistemas estruturados e regulares, de modo a relacionar as variações existentes na linguagem verbal com diferenças de natureza social. Esse conceito supera a noção estruturalista que estabeleceu a dicotomia sincronia/diacronia, pois define a língua como um sistema de regras que variam por meio de um processo ininterrupto de variação e mudança (MARGOTTI, 2003). Nesse sentido, Labov (1972), citado por Camacho (2001), esclarece que a sociolinguística estuda a estrutura e a evolução da linguagem, dentro do contexto social da comunidade, através dos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico em uma análise diacrônica.

Do ponto de vista social, essa análise geralmente aborda a língua através de fatores como idade, sexo, ocupação profissional, localização geográfica, etc. Esses fatores, por sua vez, motivam, segundo Camacho (2001, p. 59), a distinção entre “linguagem comum” e “linguagens especiais”. A primeira se refere às características lexicais e sintáticas comuns a todos os membros de uma comunidade linguística relativamente homogênea. A segunda corresponde às variedades dialetais das subcomunidades linguísticas.

Dentre as linguagens especiais, ou línguas especiais conforme Burke (1996), tem destaque o conceito de “dialeto” que, segundo Rector (1975, p. 36), diz respeito às formas linguísticas regionais que “apresentam entre si coincidência de traços linguísticos fundamentais”. Entretanto, costuma-se acrescentar a esse conceito, estritamente linguístico, caracteres extralinguísticos, geralmente de ordem psíquica, social ou política (RECTOR, 1975).

Contudo, é em outro tipo de língua especial que pretendemos nos ater para o desenvolvimento deste trabalho: o jargão.

2. Os conceitos de jargão

Burke (1996) apresenta um breve histórico do conceito de jargão, abordando os diversos percursos percorridos até chegar à definição atual do termo. Segundo este autor, a palavra jargão remonta ao século XII, quando era usado para se referir à fala ininteligível. Esse é o significado mais primitivo encontrado para jargão que, a partir do francês ou da língua provençal, espalhou-se para diversas línguas e mudou de significado várias vezes até nossos dias.

No século XV, já se usava esse termo para se referir à linguagem do submundo – de bandidos e marginais – tida como antilinguagem. A partir dessa época até o fim do século XVII, o termo foi estendido à linguagem dos grupos que a sociedade também considerava como vigaristas, como os filósofos escolásticos e os religiosos puritanos.

Na Inglaterra, ainda no século XVII, os termos *cant* e *jargon* eram empregados para se referir a “termos de arte” e “termos técnicos”, usados por diferentes grupos profissionais. Também na Inglaterra foi usado o termo “dialeto” com o mesmo significado: dialeto dos advogados, por exemplo. No séc. XVIII, a língua do submundo já era designada por outro nome: *the slang* – que significa gíria. Nessa época, a palavra jargão também era empregada para descrever os vários tipos de língua franca que serviam de comunicação possível entre diferentes povos de uma determinada região.

Ainda no séc. XVIII ocorreu o que parece ser a última, até o momento, mudança no significado da palavra jargão, que passou a se referir a grande quantidade de linguagem técnica utilizada por diferentes grupos socioprofissionais.

O interesse pelo estudo do jargão se revelou crescente desde o séc. XV até nossos dias. No séc. XVI e XVII surgiram vários glossários na tentativa de tornar públicas as linguagens privadas. No princípio eram as linguagens do submundo, como vimos, que fascinava os homens de letras, porém, a partir do séc. XVIII, os glossários da linguagem profissional passaram a ganhar atenção dos estudiosos.

Merece destaque, também, o surgimento da linguística como disciplina acadêmica (século XX) para o desenvolvimento do conceito de jargão – até então estudado como curiosidade por escritores, antiquários, etc. – que passou a ser tratado com um maior profissionalismo. A atenção ao jargão marginal foi dividida entre outras formas de jargão, conhecido também por “línguas especiais”. Por exemplo, a língua dos primeiros cristãos foi o tema de um dos primeiros estudos sociolinguísticos muito antes do surgimento da sociolinguística na década de 1950. Também houve vários estudos sobre o jargão dos soldados, estudantes e dos profissionais.

É importante destacar que os jargões comumente recebem uma conceituação pejorativa decorrente de diversos pontos de vista. Assim, a rejeição de um jargão pode estar ligada à xenofobia, à dificuldade de acesso por causa da ininteligibilidade e/ou mistificação, ao desprezo pelo

pedantismo que este pode causar, a um ideal de pureza que condena a mistura linguística, etc. Por exemplo, Burke (1996, p. 22) identifica casos de movimentos de “reforma da língua” na França e na Itália que tinham como objetivo “purgar” a língua das violações e/ou adulterações. Nesse sentido, Bagno (2003), ao discutir as relações entre língua e poder na sociedade brasileira, revela diversas formas “ocultas” utilizadas em “defesa” da língua portuguesa. Vale lembrar ainda de que as críticas aos jargões sempre estão relacionadas a conflitos e solidariedades de ordem social.

Neste trabalho, os jargões são considerados como linguagens especiais, isto é, variedades de linguagem utilizadas por diferentes subculturas, caracterizadas por uma diversidade de termos técnicos e/ou gírias que exercem diferentes funções nas interações internas e externas. Os jargões também podem ser definidos em oposição ao vernáculo, assim, também os entendemos como “línguas parasitas”, ou seja, utilizando as palavras de Burke (1996, p. 13), “um suplemento ao vernáculo, não uma alternativa a ele”.

3. Funções dos jargões

O estudo sistêmico do jargão propiciou a superação das meras descrições, destinando parte das atenções às funções dos jargões. Burke (1996) elenca uma série de funções características dos jargões. O autor postula que as funções podem ser utilitárias ou simbólicas.

Dentre as funções utilitárias, a função da “conveniência prática” tem grande importância, pois possibilita a objetividade da comunicação, sem perda de tempo com explicações mais detalhadas. Utilizam-se termos técnicos, abreviações e se desprezam as explicações conceituais. Ganha-se assim em praticidade, pois a comunicação se dá de forma mais rápida e direta.

A segunda função utilitária é a do “segredo”. Esta característica dos jargões decorre da primeira, propiciando o não entendimento, por parte dos leigos, do que se fala. Isto é, a comunicação cheia de termos e formas próprias só é possível entre iniciados. A linguagem dos bandidos mostra um claro exemplo dessa função na medida em que as vítimas e/ou a polícia muitas vezes são incapazes de decifrar essa linguagem.

Outra função utilitária encontrada para o jargão chama-se “impos-

tura” ou “mistificação”. Esta característica não é tão frequente, mas pode ser identificada, por exemplo, na língua dos burocratas. Nesse mesmo sentido, Burke (1996, p. 23) cita uma crítica feita por John Wilkins, um dos principais reformistas da língua do século XVII, à linguagem “cheia de pseudopropriedades” dos filósofos escolásticos, que seria o meio pelo qual “alguns homens esperam construir suas reputações”. Podemos verificar também, desde há muito tempo, esta característica nos discursos dos políticos.

A “função simbólica” dos jargões consiste naquilo que vem implícito à linguagem especial, ou seja, o que existe por trás da forma exposta durante a comunicação. Porém, são funções não linguísticas, advindas, sobretudo, de conceitos extralinguísticos de ordem psíquica, social ou política. Essa função expressa, por exemplo, a condição de integrante/leigo de um membro do grupo. Com essa função, o jargão adquire um grande potencial de inclusão e/ou exclusão. Em instituições como prisões e escolas públicas, segundo Burke (1996, p. 24), o uso do jargão local é “compulsório”. Dessa forma, obtém-se como resultado um isolamento, não físico, mas social ou psicológico.

4. Funções da linguagem espírita

O espiritismo é uma doutrina religiosa que teve sua fundação na França na metade do século XIX e atualmente conta com milhares de adeptos espalhados pelo mundo. Difunde, além de seus dogmas, o pensamento racional e lógico em relação aos vários aspectos da vida, típico da época de sua “codificação” (como é tratada a sua origem), em que as teorias positivistas e científicas tomavam conta do ideário europeu. Desse modo, o espiritismo, assim como essas teorias, apresentou uma série de novos conceitos, porém, para explicar a vida e a morte.

A linguagem dos espíritas que analisamos e apresentamos mais abaixo em um glossário contém muitos desses novos conceitos, consequentemente fixados em vocabulário bastante peculiar (por exemplo, a palavra “reencarnação” que significa “nascido de novo em um outro corpo”). A função de conveniência prática descrita por Burke encaixa-se perfeitamente nesse contexto (busca por clareza e objetividade) e encontra conexão com o jargão espírita inclusive na intenção do “codificador” do espiritismo, Allan Kardec, que não por acaso estipulou nas primeiras linhas da doutrina:

Para coisas novas necessitam-se de palavras novas, assim o quer a clareza da linguagem para evitar a confusão inseparável do sentido múltiplo dos mesmos vocábulos. (...) Em lugar das palavras **espiritual**, **espiritualismo**, empregamos para designar esta última crença as de **espírita** e de **espiritismo**... (KARDEC, 2001, p. 9)

Burke (1996) mostrou que o resultado dessa função é a comunicação mais rápida e eficiente entre os membros do grupo. Sendo assim, e diante das palavras de Allan Kardec, parece-nos claro que é exatamente essa sua intenção ao tentar evitar a ambiguidade de sentidos na doutrina que se fundava.

A palavra “perispírito” (corpo fluídico do Espírito), por sua vez, é criada por Kardec através de uma associação feita à palavra “perisperma”, que significa, conforme o *Dicionário priberam Online*: “revestimento externo da semente” (*Dicionário priberam*, 2011). Assim, por comparação, Kardec chamou o envoltório do corpo dos espíritos de “perispírito” (KARDEC, 2001, p. 74).

O uso, por parte dos integrantes da doutrina, dessas e de outras formas que se mantém até hoje, parece confirmar a função de conveniência prática do jargão espírita proposta para a doutrina desde sua origem.

A função do segredo também está presente no jargão espírita, certamente sem a intenção de iludir e dissimular, como na linguagem dos ladrões, mas como consequência inevitável de todo seu vocabulário especial que o leigo será incapaz de entender sem uma explicação mais aprofundada. Por exemplo, uma frase como “Sem a harmonia*¹, que só a assimilação* fluídica pode proporcionar, as comunicações* são impossíveis, incompletas ou falsas” (KARDEC, 2005, p. 220) exigirá conhecimento do jargão específico para a adequada interpretação dos conceitos.

Além da função da conveniência prática e do segredo, a função simbólica também está presente no jargão espírita, pois o (não) uso adequado do jargão define naturalmente o nível de envolvimento com a doutrina de cada um dos participantes. Por ter apresentado, através da análise do glossário, um tipo de linguagem com muitos termos próprios e bastante influenciada pela literatura própria, o jargão espírita pode ser entendido como um meio de distinção entre seus próprios membros ou entre seus membros e os leigos. Por exemplo, um recém-iniciado expõe sua condição ao utilizar a palavra “morte” ao invés do termo “desencarne”.

¹ Ver no Glossário (APÊNDICE) o significado das palavras marcadas com asteriscos.

Dessa forma, considerando essa breve análise, podemos identificar como se dão as relações internas (interações entre iniciados) e externas (interações entre iniciados e leigos ou recém-iniciados) a partir das funções acima explicitadas.

As relações internas do jargão espírita se caracterizam por serem aquelas pelas quais os pertencentes à comunidade linguística lançam mão da função de conveniência prática com o objetivo de estabelecerem uma comunicação mais clara e eficiente. Esse processo parece não ser consciente, pois é mais uma manifestação espontânea – decorrente de maior ou menor envolvimento na comunidade – do que uma proteção contra os não iniciados.

Entretanto, inevitavelmente, as relações externas carregam consigo uma função que é própria de todas as variedades linguísticas, a qual no domínio espírita também atua como definidora de certa hierarquização. Isto é, na medida em que o adepto se manifesta, sua linguagem – mostrando-se mais ou menos coerente com o jargão – indica sua posição dentro dessa comunidade.

Diante do exposto, do ponto de vista funcional, podemos sugerir que a linguagem espírita é jargão de um grupo sociorreligioso, principalmente por apresentar, no mínimo, três das quatro características funcionais postuladas pelo estudo social da linguagem: função conveniência prática, função segredo e função simbólica.

5. Vocabulário espírita

Para analisar o vocabulário espírita, elaboramos um glossário com alguns termos e expressões característicos da linguagem dos espíritas. Os dados recolhidos para a formulação do glossário foram obtidos mediante uma solicitação feita a sete frequentadores – trabalhadores e dirigentes – de duas casas espíritas kardecistas, das quais uma localiza-se em Sant’Ana do Livramento e a outra em Santa Maria, ambas no estado do Rio Grande do Sul. Tal solicitação pedia aos adeptos da doutrina uma lista de palavras que julgassem pertencentes ao vocabulário especial dos membros da sociedade espírita em geral. Com a listagem dos vocábulos em mãos, foi solicitado a um dos informantes (dirigente de casa espírita) que atribuísse os significados a cada uma das palavras ou expressões.

Merece ser destacado que esse trabalho não tem como finalidade quantificar a utilização dos termos em questão, mas apenas expor algu-

mas características peculiares desse jargão. Nesse sentido, é importante esclarecer que as atenções foram voltadas exclusivamente para o vocabulário. A estrutura gramatical e a fonética não constituem alvos desse estudo.

Ao atentarmos para o glossário (ver Apêndice), podemos perceber que alguns vocábulos recebem uma significação específica, uma acepção própria que difere da que a eles se convencionou associar na linguagem geral. Por exemplo, a palavra “Aproximação” (Aproximação = invasão do campo vibratório de uma pessoa, podendo ser ou não percebida) extrapola o significado de mero “ato de aproximar-se”, apresentado no dicionário Aurélio (FERREIRA, 2004), pois estende o conceito para uma ideia de “invasão”, indicando que um espírito atua sobre o campo vibratório de uma pessoa encarnada, isto é, que um espírito passa a exercer determinada influência sobre ele. Encontramos outro exemplo na palavra “passista”. Sua acepção geral se refere ao dançarino, ou dançarina, que “samba com muita agilidade e graça” (FERREIRA, 2004), porém, no jargão espírita, esta mesma palavra assume o significado de “médium que aplica passes”.

Outra característica destacável é a utilização de vocabulário específico. São exemplos as palavras: “perispírito” que foi criada por Kardec no *Livro dos Espíritos* para designar o corpo fluídico do Espírito; “desencarne” que surge para opor-se a ideia de morte, no sentido de fim da existência; “médium” que é utilizada para definir aquele que serve de intermediário entre os espíritos desencarnados e os encarnados; “psicografia” que designa o tipo de atividade mediúmica a qual o espírito desencarnado se comunica com os encarnados através da escrita. Por conseguinte, ainda exemplificando, a palavra “psicógrafo” define o médium dotado da capacidade de escrever sob a influência de um espírito desencarnado. Nesse mesmo sentido, encontramos a palavra “psicofonia” que se refere à variedade de mediunidade em que o espírito comunicante utiliza-se do aparelho fonador do médium para a comunicação. O médium que apresenta esta faculdade é denominado “médium psicofônico”.

Por outro lado, o jargão espírita também apresenta termos próprios que já fazem parte do vernáculo português. As palavras “médium” e “mediunidade”, por exemplo, já estão integradas ao rol das palavras do vocabulário de língua portuguesa. Isto é, apesar de serem palavras próprias do jargão espírita, expressam conceitos que são compreendidos pela comunidade em geral, tendo inclusive entrada nos dicionários de português do Brasil (FERREIRA, 2004) e de Portugal (*Dicionário priberam*,

2011). Da mesma forma, a palavra “Reencarnação”, que significa “nascer de novo em um outro corpo”, e que tem a função de dirimir uma possível confusão com o conceito de “ressurreição” (ressurgir ou ressuscitar), também tem espaço reservado nas entradas dos dicionários (cf. FERREIRA, 2004) e parece já fazer parte do campo lexical do brasileiro atualmente.

Assim, entendemos que o vocabulário peculiar dos espíritas permite, aliado às funções descritas, consolidarmos a ideia de que a linguagem espírita enquadra-se dentro do conceito de jargão, isto é, é uma variedade de linguagem utilizada por membros de uma subcultura, caracterizada por uma diversidade de termos e conceitos próprios que exerce diferentes funções nas interações internas e externas.

6. Considerações finais

Neste trabalho, sem a pretensão de fazer uma interpretação linguística mais profunda, apresentamos algumas características peculiares ao jargão espírita através da análise de suas funções e da elaboração de um glossário.

Do ponto de vista funcional, o jargão espírita assume as funções de: a) conveniência prática, que propicia uma comunicação mais rápida e eficiente entre os membros do grupo; b) segredo, que existe por causa do vocabulário especial que o não iniciado terá dificuldades para compreender e c) simbólica, de caráter principalmente social, que atua nas relações internas e externas evidenciando o grau de envolvimento com a doutrina.

No que se refere ao vocabulário, vimos que o jargão espírita apresenta termos com três características distintivas. São elas: a) palavras e/ou expressões do vernáculo que recebem uma significação própria, isto é, que difere da que geralmente apresenta na linguagem comum; b) palavras e/ou expressões específicas, que foram criadas para representar novos conceitos ou para opor-se a um conceito já existente e c) palavras e/ou expressões que são originalmente próprios do jargão espírita, mas que já ganharam notoriedade, fazendo parte atualmente do vernáculo português.

Apesar de considerar aspectos funcionais e características do vocabulário espírita, este trabalho não é exaustivo, motivo pelo qual, no nosso entendimento, justificam-se estudos sociolinguísticos mais aprofundados. Nesse sentido, vislumbramos a literatura espírita como fonte

rica para a realização de novas pesquisas sobre o jargão dos espíritas, tão pouco estudado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, v. 1, 2001.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BURKE, Peter. Introdução. In: ____; PORTER, Roy. (Orgs.) *Línguas e jargões: contribuições de uma história social da linguagem*. São Paulo: UNESP, 1996.

DICIONÁRIO priberam da língua portuguesa (Online), 2011, Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/>> Acesso em: 02 jun. 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 6. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola, 2004.

MARGOTTI, Felício Wessling. Abordagem empiricista em trabalhos de variação sociolinguística. In. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 4, nº.1, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0401/08.htm>> Acesso em: 14 maio 2011.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. 137. ed. Araras (SP): IDE, 2001.

_____. *O que é o espiritismo*. 62. ed. Araras (SP): IDE, 2005.

RECTOR, Mônica. *A linguagem da juventude: uma pesquisa geosociolinguística*. Petrópolis: Vozes, 1975.

APÊNDICE

Glossário de palavras e expressões espíritas

Afinidade = tem sempre relação com sintonia, sinergia. Por exemplo, *para que se dê uma comunicação* ou uma simples *influência* é necessária uma certa afinidade de vibrações.

Alma = espírito encarnado (em estado de emancipação), sinônimo de espírito na concepção vulgar do termo.

Animismo = manifestação mediúcnica do espírito do próprio médium em transe (exemplo: sonambulismo).

Aparição = é a materialização de um espírito quando percebido pelos sentidos (todos vemos), quando percebido não pelos sentidos (apenas os médiuns percebem).

Aproximação = invasão do campo vibratório de uma pessoa, podendo ser ou não percebida.

Astral = lugar imaginado onde se encontram os espíritos superiores.

Aura = campo vibratório de características múltiplas (grosso modo, semelhante a campos de força eletromagnéticos) que envolve o corpo dos seres vivos, no caso do homem encarnado envolve o corpo físico, nos espíritos envolve seu perispírito.

Carma = o mesmo que plano de existência, espécie de programa a ser vivido (lei do pré-determinismo) que pode ser alterado por força maior (desígnio superior) ou circunstâncias como esquecimento, medo e escolhas (livre-arbítrio).

Centro Espírita = estabelecimento onde a comunidade espírita se reúne para desenvolver atividades e estudos relacionados à doutrina. Conforme a crença espírita, nesses locais também funciona um núcleo espiritual o qual desenvolve, em parceria com o plano material, atividades principalmente de caridade aos necessitados.

“Chakras” ou chacras = são centros de energia, também conhecidos com **rodas giratórias** no corpo físico.

Clarividência = propriedade mediúcnica de percepção clara dos fatos e personagens do mundo espiritual.

Comunicação = geralmente usada com o verbo *dar* (dar comunicação), é o intercâmbio que acontece quando algum espírito desencarnado deixa alguma mensagem para os encarnados através de um médium.

Corpóreo = que é ou que tem relação com a matéria física (corpo físico).

Cura = processo de restauração do equilíbrio natural dos seres (dos seus organismos ou sistemas, tanto físico, quanto perispiritual e espiritual).

Desdobramento = emancipação do espírito encarnado, afastamento do corpo mantendo a consciência.

Desencarnar = passar para o mundo espiritual.

Desencarne = morte do corpo físico.

Desenvolvimento = evolução ou progresso de alguém (exemplo: desenvolvimento da potencialidade sensitiva (desenvolvimento mediúnicos)).

Doutrina = conjunto de ideias, princípios e dogmas ligados entre si defendidos pelos espíritos a respeito de vários assuntos.

Doutrinação = ato de doutrinar, ou seja, difundir, incutir ou ensinar a doutrina espírita a alguém, os seus postulados e fundamentos.

Eflúvios = emanções de energias como bons pensamentos, fluídos revitalizantes.

Elevação = estado de vibração superior, temporário para espíritos em evolução, permanente para espíritos relativamente mais elevados.

Emancipação = é o desprendimento do espírito em relação ao corpo físico. Dá-se durante o sono, também podendo ocorrer durante a meditação ou através de outros meios de indução voluntários ou não.

Energia = força da natureza.

Energização = passe magnético (indução de fluídos magnéticos benéficos).

Entidade = espírito desencarnado.

Envoltório = corpo físico do ponto de vista do espírito encarnado.

Espírito = é o próprio ser; todos os homens *são* espíritos, o que confronta o pensamento que postula *ter* um espírito.

Espíritos protetores ou anjos guardiões = espíritos designados a auxiliarem os encarnados. Segundo a doutrina espírita cada encarnado tem o(s) seu(s) espírito(s) protetor(es).

Espiritualidade = o mundo dos espíritos, lugar onde ficam os espíritos desencarnados.

Evangelho = termo utilizado quando se refere à obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, síntese do Novo Testamento onde enfoca a doutrina de Jesus Cristo, com ênfase na moral cristã explicada segundo os espíritos superiores, liderados pelo Espírito de Verdade. É um dos cinco livros da chamada codificação espírita.

Evangelização = processo de ensino dos princípios evangélico-cristãos, geralmente de crianças e jovens, proporcionado por determinados trabalhadores espíritas.

Evolução = avançar na escala evolutiva dos mundos, do espírito, etc.

Expição = resgate de dívidas adquiridas anteriormente nesta vida ou em existências passadas; são determinadas situações que surgem durante a vida encarnada, ocasiões que se transformam em oportunidades de se redimir perante as faltas cometidas, podendo ser adiadas, minimizadas, porém não evitadas, uma vez que se cumprem pela lei natural de causa e efeito.

Fatalidade = algo que acontece segundo desígnio superior (lei natural pré-determinismo).

Fenômenos = ocorrência de fatos naturais percebidos pelos sentidos ou pela consciência.

Fluído = uma das formas da energia universal (fluído vital, fluído magnético, etc.).

Harmonia = equilíbrio entre forças, energias, pensamentos, sentimentos, ações, etc.

Imantação = fixação de energias por força magnética.

Incorporação = termo que designa o fenômeno em que um espírito desencarnado age através do corpo de um médium (incorporado).

Influência = ação impositiva praticada por um influenciador que é aceita ou não pelo influenciado (os sujeitos ativo e passivo podem ser espíritos encarnados ou desencarnados).

Intuição = inspiração dada por algum espírito protetor, ou a percepção de algo não captado pelos sentidos.

Irmão = aquele que se considera como tal, não propriamente em relação ao parentesco consanguíneo, mas diante da vida ou de Deus.

Luminosidade = qualidade de quem irradia luz (espíritos de luz ou iluminados, encarnados ou desencarnados).

Magnetismo = uma das formas da energia universal.

Matéria = no sentido amplo, é o que se opõe ao que é espiritual; no sentido estrito, é do que é composto o mundo material onde os espíritos encarnados habitam.

Meditação = é o estado de concentração, de elevação, de prece.

Médium = Pessoa podendo servir de intermediária entre os espíritos desencarnados e os encarnados.

Médium vidente = aquele que “vê” os espíritos (na verdade percebe).

Mediunidade = faculdade (dos médiuns) que possibilita a comunicação entre os espíritos, encarnados com encarnados ou encarnados com desencarnados.

Miasma = resquício vibratório.

Missão = conjunto de tarefas ou atividades relacionadas entre si, realizado por alguém, que beneficie um determinado número de pessoas (espíritos encarnados e desencarnados), podendo ser desenvolvida na vida física ou na espiritual.

Obsessão = forte influência de um espírito desencarnado sobre um encarnado, estado patológico geralmente derivado de uma perturbação prévia. Pode haver obsessão também de encarnado para encarnado e encarnado para desencarnado.

Obsidiado = aquele se acha sob efeito de uma obsessão ou de um obsessor.

Orientação = conselhos ministrados tanto por espíritos superiores através de comunicações quanto por trabalhadores encarnados.

Passé ou passe magnético = recurso pelo qual o médium transmite energias provenientes dos espíritos, ou próprias, às pessoas que desejam esse tipo de auxílio.

Passé de corrente ou espiritual = é um tipo de passe magnético aplicado de forma coletiva.

Passé de energização = transmissão de energia revitalizante (fluido vital) de origem anímica ou espiritual.

Passé dispersivo = passe de limpeza magnética, retirada de miasmas, aspepsia vibratória

feita geralmente antes de aplicar-se um passe magnético de equilíbrio ou de energização.

Passista = médium que aplica passes.

Perispírito = corpo fluídico do Espírito, liga o espírito ao corpo físico.

Perturbação = influência negativa de um espírito desencarnado sobre um encarnado. Porém o espírito perturbador não age necessariamente com maldade; ou está precisando algum tipo de ajuda ou são o que se costuma chamar “espíritos brincalhões” que se aproveitam de sua situação para se divertirem às custas dos encarnados desavisados.

Plexos = centros de força de energia no corpo perispiritual (correspondentes aos “chacras”).

Pluralidade das existências = é o princípio da reencarnação, o qual um mesmo espírito retorna ao mundo físico em outro corpo.

Possessão = estado patológico grave, geralmente derivado de uma obsessão, quando a vítima perde o domínio total da vontade e das ações e passa a agir sob o comando do obsessor.

Pré-determinismo = lei natural que impõe determinado acontecimento, fato ou comportamento segundo um planejamento prévio, podendo ser parcialmente ou totalmente alterado segundo o livre-arbítrio do sujeito da ação (lei que interage com outras leis naturais, principalmente com a lei de causa e efeito).

Preexistência = quando se refere à condição dos espíritos antes de nascer em um corpo físico.

Presentimento = intuição.

Proteção = assistência ou ajuda dos bons espíritos.

Provações = conjunto de dificuldades que cada pessoa enfrenta ao longo de suas existências como meio de evolução.

Provas = situações difíceis às quais testam as pessoas em sua fé e convicção.

Psicografia = é um tipo de atividade mediúnica a qual o espírito desencarnado se comunica com os encarnados através da escrita.

Psicógrafo = é o médium dotado da capacidade de escrever sob a influência de um espírito desencarnado.

Psicofonia = variedade de mediunidade em que o espírito comunicante utiliza-se do aparelho fonador do médium para a comunicação.

Purificação = purificar-se através do progresso espiritual contínuo.

Reencarnação = (um espírito) nascer de novo em outro corpo, nova existência.

Regeneração = estágio atribuído, segundo a doutrina espírita, ao planeta Terra quando este evoluir do estado atual de Provas e Expiações.

Resignação = ato de fé em Deus, acreditando ser justo o que acontece sob Sua vontade.

Resquício = refere-se à presença de energias (geralmente negativas).

Salvação = salva-se através da caridade: “*fora da caridade não há salvação*”.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Semiconsiente = estado do espírito de consciência parcial da realidade, estado em que fica a maioria dos médiuns durante o transe mediúnico.

Sensitivo = aquele que “sente” algo sem utilizar-se de um dos cinco sentidos.

Sobrevivência = quando se refere à condição dos espíritos depois de desencarnarem.

Tangibilidade = condição que um espírito pode adquirir de ser sentido pelo tato quando se materializa.

Trabalhadores = (de um centro espírita) quem atua nas atividades de uma comunidade espírita, tanto encarnados quanto desencarnados.

Transmigrações = migrações dos espíritos entre os diversos planos vibratórios ou habitat, com fins de estágio evolutivo ou missionário.

Ubiquidade = capacidade natural atribuída aos espíritos desencarnados, com capacidade evolutiva para tal, de manifestarem-se em mais de um lugar aparentemente no mesmo instante de tempo.

Umbral = local, na espiritualidade, em que ficam, por um determinado tempo, os espíritos impuros.

Vibração ou faixa vibratória = é o estado, elevado ou não, das energias de cada ser.

Vida = estado permanente do espírito. Se encarnado, desfruta da vida material quase exclusivamente, se desencarnado, desfruta da vida espiritual também quase exclusivamente.

Vigilância = estado de atenção que os espíritos procuram manter para afastarem os maus espíritos.